

Requinte e decadência

Com projeto assinado pelo arquiteto Oscar Niemeyer e jardins do paisagista Burle Marx, quando foi inaugurado, há 31 anos, o Hospital da Lagoa oferecia melhores serviços do que hoje. Desde então, o chefe do serviço de clínica médica, Hélio Nunes, acompanha a decadência da instituição. "Abri as portas do hospital e espero não vê-las fechadas", disse ele, ontem, em um discurso emocionado, de quem não abandonou três décadas de trabalho, apesar de estar aposentado.

Hélio lembra do tempo em que o hospital era um dos mais procurados por médicos em busca de especialização. Mas, tanto quanto os funcionários, os pacientes habituais estão desesperados com o fim do atendimento de emergência.

"Quando vim para cá, aos 7 anos, eu estava muito ruim de saúde. Os médicos e enfermeiras me trataram com carinho e estou bem melhor. Agora é o hospital que pede socorro", apelou Elaisa, de 14 anos, metade deles internada para tratar do entupimento de uma artéria do coração. "Estamos desgastados. Com a crise no Hospital da Lagoa, que sempre nos atendeu, o Morro Dona Marta está na fila da morte", disse, revoltada, a moradora Regina Silva Rocha, que é agente de saúde naquela favela. "O fim da emergência prejudicou gente demais. Lá na favela morrem até duas pessoas por mês com problemas cardíacos e respiratórios", revelou ela.